



Jovens agricultores da Zona da Mata e Brejo Paraibano: fazendo educação e vivendo Agroecologia como ciência, prática e movimento

Luana Fernandes Melo¹; Luana Patrícia Costa Silva²; Tessa Priscila Pavan de Paula Rodrigues³; Alexandre Eduardo de Araújo⁴

¹Bacharela em Agroecologia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Graduanda em Nutrição pela Faculdade Maurício de Nassau e Mestranda em Ciências Agrárias (Agroecologia) pelo Programa de Pós-graduação em Ciências Agrárias (Agroecologia) (PPGCAG/UFPB). E-mail: luanaagroecologia@hotmail.com; ²Licenciada em Ciências Agrárias pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Mestra em Ciências Agrárias (Agroecologia) pelo Programa de Pós-graduação em Ciências Agrárias (Agroecologia) (PPGCAG/UFPB) e Doutoranda em Educação na mesma instituição (PPGE/UFPB). E-mail: Luana_gca@hotmail.com; ³Bacharela em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas, Mestra em Educação pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). E-mail: tessypril10@yahoo.com.br; ⁴Engenheiro Agrônomo pela Universidade Federal da Paraíba, Mestre e Doutor em Engenharia Agrícola pela Universidade Federal da Campina Grande. Docente do Centro de Ciências Humanas, Sociais e Agrárias da Universidade Federal da Paraíba (CCHSA/UFPB). E-mail: alexandreduardodearaujo@hotmail.com.

Resumo: Este artigo relata a experiência do curso “Juventude Rural: fortalecendo a inclusão produtiva na Zona da Mata e Brejo Paraibano” realizado com jovens camponeses, fruto da parceria entre a Universidade Federal da Paraíba e Movimentos Sociais ligados à Via Campesina. O objetivo do trabalho é compartilhar as experiências vivenciadas por jovens camponeses e camponesas envolvidos em processos de Educação Popular para o fortalecimento da agroecologia enquanto ciência, prática e movimento. As áreas de formação do curso foram voltadas para dimensões ecológicas, técnicas, socioculturais, econômicas e políticas, interligadas com o desenvolvimento rural sustentável e agroecologia. Destacou-se enquanto contribuição no fortalecimento de princípios e diretrizes gerais para a Educação em Agroecologia os enfoques na solidariedade, esperança, confiança e persistência.

Palavras-chave: Educação do Campo; Desenvolvimento rural; Sustentabilidade.

1. Introdução

Hoje, no Brasil, os jovens se deparam com desafios ainda maiores, em que não basta ter somente um ambiente equilibrado e as condições de viver, mas também é preciso transformar as relações



sociais, políticas, sobretudo na luta por direitos e justiça, para que haja esperança, emancipação dos sujeitos e as juventudes caminhem protagonizando um desenvolvimento rural mais sustentável (SALDANHA et. al., 2015).

É preciso construir um processo pedagógico destinado a desenvolver o capital cultural dos atores sociais engajados na agricultura familiar brasileira – especialmente a juventude rural – estimulando os potenciais crítico, reflexivo, criativo, técnico e organizativo desses sujeitos, de maneira que eles possam responder ativamente às suas necessidades políticas, tecnológicas e institucionais para o desenvolvimento sustentável, especialmente na definição e implementação de políticas públicas (CANIELLO et. al., 2006).

O curso de “Juventude Rural: fortalecendo a inclusão produtiva na Zona da Mata e Brejo Paraibano” foi desenvolvido nos territórios de Piemonte, Borborema e Zona da Mata paraibana, Norte e Sul. As ações educativas aconteceram por meio da pedagogia de alternância, com o Tempo Escola e Tempo Comunidade. O Tempo Escola serviu para conduzir a aprendizagem através de aulas teóricas, já o Tempo Comunidade aconteceu nos locais de moradias dos jovens, onde os estudantes desenvolveram em harmonia com as dinâmicas locais as atividades definidas no Tempo Escola, aperfeiçoando e melhorando as atividades práticas. Os dois tempos foram acompanhados pela equipe de Coordenação político-pedagógica (CPP) do curso.

O Tempo Escola foi dividido em três módulos de 54h cada um, totalizando 162h e o Tempo Comunidade, da mesma maneira, foi dividido em três módulos, com o total de 160 horas, resultando em 322h total. Fizeram parte do curso trinta jovens, com idade entre 15 a 29 anos, com Ensino Médio completo e que já participavam de atuações em extensão educativas e organizativas junto à sociedade civil organizada, sejam movimentos sociais ou órgãos do Estado. O curso teve duração de um ano. Os jovens fizeram parte de um projeto financiado pelo CNPq, fruto da parceria entre a Universidade Federal da Paraíba e Movimentos Sociais ligados à Via Campesina.

O objetivo do trabalho é compartilhar as experiências vivenciadas por jovens camponeses e camponesas envolvidos em processos de Educação Popular para o fortalecimento da agroecologia



enquanto ciência, prática e movimento, contribuindo nos processos de transição agroecológica na conjuntura atual e futura.

2. Descrições e reflexões sobre a experiência

As áreas de atuação do curso “Juventude Rural: fortalecendo a inclusão produtiva na Zona da Mata e Brejo Paraibano” foram voltadas para dimensões ecológicas, socioculturais, econômicas e políticas, interligadas com o desenvolvimento rural sustentável e agroecologia. O curso buscou fazer com que os estudantes tivessem um bom rendimento e aproveitamento, tentando proporcionar sintonia com as aulas teóricas contextualizadas com as vivências práticas dos jovens em suas moradas.

Foram abordados vários assuntos no Tempo Escola acerca do que é agroecologia, através de vários espaços de discussões entre os docentes e discentes, bem como aulas específicas sobre agroecologia, mostrando que a mesma existe, que é uma ciência e que não está distante. O curso mostrou que os jovens e seus pais quando estão praticando agricultura familiar estão fazendo agroecologia, que a qualidade de vida, o bem-estar das pessoas que vivem no campo e a diversidade, seja de pessoas ou de produtos alimentares, é agroecologia. Neste sentido, mostrou ainda que as brincadeiras, a liberdade, as culturas existentes nas comunidades, assentamentos e quilombos, as tecnologias sociais e a luta por políticas públicas fazem parte da construção da agroecologia e de um ambiente de moradia mais digno.

Os jovens, depois de vivências adquiridas por meio do Tempo Escola, através de conteúdos teóricos vistos em sala de aula, voltaram para suas residências sabendo que a agroecologia pode ser considerada uma ciência. Por meio de metodologias participativas existentes nas aulas, como os grupos de discussões, debates e sistematização de experiências, os educandos puderam ver e ter uma melhor compreensão da abordagem agroecológica, em que, os professores sempre tentavam trazer, mesmo quando eram tratadas outras temáticas em sala de aula, conforme figura 1 (anexo).

Os conceitos de agroecologia foram construídos no Tempo Escola, sendo compreendida como o uso natural dos recursos de forma consciente, respeitando seus limites e tentando fazer com que a



solidariedade seja maior que a competitividade, indo na contramão do egoísmo. A conceituação da agroecologia perpassa ainda pelo respeito à biodiversidade, preservando e conservando a vida do solo, o convívio social com caráter coletivo e diversidade de gênero, entre outros.

No Tempo Escola foram passadas atividades, referente ao Tempo Comunidade, onde os jovens tinham que construir projetos em seus territórios, com o objetivo de aperfeiçoar tais espaços para melhor convívio familiar ou da comunidade. Foram aceitos projetos de cunho ambiental (ecológico), socioculturais e políticos, visando o fortalecimento das políticas públicas ligadas ao Programa Aquisição de Alimentos (PAA) e o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) ou outros que dessem retorno econômico.

Na construção dos projetos, as experiências praticadas pelas juventudes mostraram que a agroecologia pode ser enfatizada como prática, visto que muitos jovens não utilizavam agrotóxicos em seus territórios e eram contra os transgênicos. Por outro lado, os educandos que utilizavam produtos químicos procuraram fazer a transição agroecológica ou tentaram convencer seus pais a mudar de paradigma, conforme figura 2 (anexo).

No Tempo Comunidade, como em muitos casos os projetos eram grandes e difíceis de serem executados individualmente, os jovens tiveram que recorrer a outras pessoas que faziam parte da comunidade, assentamento e quilombo. Desse modo, tentaram adotar metodologias participativas com dinâmicas, brincadeiras e estratégias para mobilização de outros jovens, entre outras. Os projetos envolviam aspectos sociais, culturais, ambientais e políticos. A juventude teve muitas dificuldades no processo de mobilização de outras pessoas da comunidade, mas com muita persistência conseguiram alcançar seus objetivos, de unir povos e juntos conseguir progredir nos projetos, um ajudando o outro.

Sobre o campo, percebe-se que não são apenas metodologias participativas que se fazem proeminentes para aproximar outros jovens, o convencimento próprio da juventude que está na construção do seu projeto, a confiança, paixão e encantamento pelo que faz, bem como a dedicação, responsabilidade, motivação, fé, iniciativa, coragem, planejamento e autoestima são essenciais. É o jovem se desafiando, enfrentando a própria timidez e o nervosismo.



Diversas práticas foram realizadas para elaboração dos projetos pelos jovens, por exemplo, a continuidade de produção orgânica e agroecológica de hortas, hortas escolares, o fortalecimento do grupo de oração, de dança e de esporte (jiu-jitsu), a criação de uma rádio, praça comunitária, teatro, cinema, formação de turma para alfabetização, fundo rotativo solidário, venda do produto final de vegetais para o PAA, apresentação de oficinas sobre feno e forragem, êxodo rural, agrotóxicos e políticas públicas para a juventude rural, dentre outras.

Todas as intervenções praticadas no campo pela juventude mostraram que a agroecologia pode ser destacada como uma prática, pois nota-se que a mesma podia estar ligada a todas as dimensões existentes, colaborando com um melhor aprimoramento dos projetos. De igual maneira, os jovens puderam perceber que a agroecologia pode ser entendida também como Movimento, que a juventude é parte fundamental desse movimento e de sua continuidade e que, se fortalecido e organizado, poderá contribuir com as lutas e, por consequência, com as conquistas. Ou seja, o movimento agroecológico pode ser um direcionamento para a obtenção de direitos da população, de acordo com a figura 3 (anexo).

Nesse sentido, o movimento agroecológico compreende tantas ações massivas com pautas de reivindicação, como também pequenos mutirões comunitários. Nesta perspectiva, na realização de práticas agroecológicas pode haver união de várias pessoas da comunidade para a concretização da própria. Os jovens demonstraram que ficaram mais fortalecidos com a participação no curso, no sentido de saberem quais os seus deveres na sociedade e na questão de identidade, exibindo que precisam de mais conhecimentos para poder consolidar as novas experiências junto aos movimentos sociais que já fazem parte.

Os idealizadores do curso notaram a necessidade de melhorias na Educação do Campo e, dessa forma, criaram o curso tendo a juventude campestre como os principais atores da experiência. O princípio da diversidade esteve presente em todo o curso. Os jovens foram incentivados a desenvolver atividades relacionadas aos projetos que envolvessem cuidados com a diversidade ecológica e cultural, como também com a promoção e incentivo dessa, havendo otimização do meio de vida deles. Dado que, a cada dia foram conseguindo mobilizar algumas pessoas para ajudar em benefício da comunidade



e criar ou fortalecer algumas coisas que estavam paradas, onde a heterogeneidade de pessoas corroborando com as diversas situações foram grandes.

No curso tiveram diversas ações desenvolvidas pelos jovens que tratavam da (agro) biodiversidade, pois muitos quando iam realizar suas atividades no Tempo Comunidade faziam hortas orgânicas e agroecológicas nos seus quintais. Alguns já tinham a experiência no manejo de solo e água e outros foram aprendendo mais a partir do curso. A implantação das hortas orgânicas e agroecológicas teve uma boa relação com a (agro) biodiversidade, visto que os jovens não usavam agrotóxicos e efetuavam o policultivo. Além disso, a soberania alimentar foi abordada algumas vezes como continuidade à agricultura praticada pelos seus pais, etc.

Se o solo é manejado com menos impactos negativos, sem o excesso de fertilizantes e resíduos químicos, por consequência, terá uma biota mais viva e rica. Os agrotóxicos afetam os recursos naturais, como solo e água, contaminando-os e trazendo prejuízos para os agroecossistemas. Com o policultivo há um maior equilíbrio do solo e, por conseguinte, um sistema de produção de alimentos com maior diversidade.

Referente à criação de hortas dos jovens, o produto final também foi consumido pela família dos mesmos. Dessa maneira, já deixavam de comprar em outros locais e cultivavam o que queriam, além do que, pode ter um produto de boa qualidade e com menor contribuição de danos à natureza.

3. Diálogo com os princípios e diretrizes da Educação em Agroecologia

A partir da década de 1970 a agroecologia passou a ser definida como uma disciplina científica e emergiu gradualmente como um movimento e conjunto de práticas (Wezel et al., 2009). Os primeiros movimentos datam do início do século XX, época em que o paradigma convencional começava sua disseminação mais intensa no mundo dos países desenvolvidos, ou seja, na Europa Ocidental e na América do Norte, dado que, estavam preocupados com os impactos no meio ambiente e na sociedade e já pensavam em alternativas contrapostas as que não eram benéficas a natureza (JESUS, 2005).

Wezel et. al. (2009) comentam que:



No entanto, nos anos 1960, 1970 e 1980, o termo agroecologia geralmente não foi usado para explicitamente descrever um movimento, isso começou na década de 1990, especialmente nos EUA e na América Latina, quando a palavra começou a ser utilizada para expressar uma nova maneira de considerar a agricultura e as suas relações com a sociedade. A agroecologia no Brasil foi o primeiro movimento para o desenvolvimento rural e aspectos ambientais na agricultura (WEZEL et al. 2009, p. 506).

Existem quatro princípios e diretrizes para uma educação em agroecologia, que são: vida, diversidade, complexidade e transformação. No que se refere à vida, pode-se perceber que as juventudes do campo que fizeram parte do curso atuaram na promoção e geração da vida, dando continuidade à agricultura tradicional praticada por suas famílias que vem, de geração em geração, conservando a agrobiodiversidade, valorizando os conhecimentos locais e protagonizando soberania alimentar, hídrica e genética em seus espaços. Além disso, a partir da produção de alimentos saudáveis, pode proporcionar saúde, benefícios para o organismo e, conseqüentemente, para a imunidade e, dessa forma, evitar doenças. Se não utiliza agrotóxicos nas plantações, já vai também, apresentar menores riscos de contaminação dos lençóis freáticos, bem como maior índice de conservação dos recursos naturais.

A agricultura familiar produz cerca de 80% dos alimentos no mundo. Entende-se, com isso, que a juventude camponesa inserida nos processos de continuidade da agricultura é extremamente relevante para a sociedade, produzindo alimentos e podendo proporcionar melhor qualidade de vida para a população por meio do fomento de produtos saudáveis (FAO, 2009). A diversidade foi um dos pontos fortes do curso, pois no Tempo Comunidade houve o envolvimento de outros jovens da comunidade, assentamento e quilombo e com a própria família, incluindo pai, mãe, irmãos, tias, tios e até avôs e avós. Do mesmo modo, a diversidade de culturas implantadas nas hortas e a diversificação de projetos de diferentes dimensões também foram significativas, uma vez que, a agroecologia tem como base a diversidade, com o foco na ciência, teoria e prática.

No tocante à complexidade, o curso foi bem articulado, designado e contextualizado. Reuniu as três questões inerentes à ciência, prática e movimento que, quando interligadas, são norteadoras para a



colaboração de um mundo melhor, uma sociedade mais justa e um futuro com menos impactos negativos para o meio ambiente, visto que:

A Agroecologia caracteriza-se como um movimento sociopolítico de fortalecimento do agricultor em busca de sua identidade e raízes culturais e, principalmente, de sua autonomia, poder de decisão e participação ativa no processo produtivo, favorecendo o local como foco de ação (AZEVEDO & PELICIONI, 2011, p. 720).

Sobre o princípio e diretriz da transformação, no curso percebeu-se que os jovens começaram a despertar o interesse para o processo de transformação de suas vidas, da comunidade, de outros jovens e até de seus pais, que muitos ficaram orgulhosos em vê-los atuantes, protagonizando esperanças, quando antes alguns nem pensavam em dar continuidade ao trabalho de sua família. Entretanto, ainda existem muitos desafios para a juventude.

4. Considerações finais

A juventude camponesa, por meio de experiências já acumuladas e do curso, pôde vivenciar e compreender a dinâmica da agroecologia como ciência, prática e movimento. Dentre os principais desafios para a construção do conhecimento agroecológico destaca-se a necessidade de assegurar a inter-relação da agroecologia como ciência, prática e movimento. Destacou-se como contribuição para o fortalecimento dos princípios e diretrizes gerais da Educação em Agroecologia, os enfoques na solidariedade, esperança, confiança e persistência, fundamentais ao processo de resistência da agricultura familiar camponesa de base agroecológica.

Referências

AZEVEDO, Elaine de; PELICIONI, Maria Cecília Focesi. *Promoção da saúde, sustentabilidade e agroecologia: uma discussão intersectorial*. SCIELO, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902011000300016>. Acesso em: 16 agosto de 2016.



CANIELLO, Márcio Matos; TONNEAU, Jean-Phillip; Leal, Fernanda de Leal A. *Universidade Camponesa: programa, ações, avaliação e perspectivas*. Campina Grande: UFCG, CIRAD, 2006.

FAO. *Inovação em agricultura familiar*. Roma: FAO, 2014. Disponível em: <https://www.fao.org.br/download/SOFI_i2.pdf>. Acesso em: 15 agosto 2016.

JESUS, Eli Lino de. *Diferentes abordagens de agricultura não-convencional: História e Filosofia*. EMBRAPA AGROBIOLOGIA, 2005. Disponível em: <<https://www.agencia.cnptia.embrapa.br/recursos/AgrobCap1ID-Sim092KU5R.pdf>>. Acesso em: 16 agosto de 2016.

SALDANHA, A; CALIXTO, D; BERTE, M. *A juventude busca pela sustentabilidade: da agenda 21 ao pós-2015*. In: Juventude e meio ambiente. Revista do Ministério do Meio Ambiente, Brasília, n. 2, p.5-7 ago.2015.

WEZEL et al. *Agroecology as a science, a movement and a practice. A review*. In: Agronomy for sustainable development. Disponível em: <<https://hal.inria.fr/file/index/docid/886499/filename/hal-00886499.pdf>>. Acesso em: 15 Agosto de 2016.

ANEXOS



Figura 1. Agroecologia como ciência



Figura 2. Agroecologia como prática



Figura 3. Agroecologia como movimento